



Sedimentos dos incêndios são levados pela chuva para as linhas de água

Fogos afetam qualidade da água, mas não a saúde pública

Estudo Investigadores detetam aumento considerável de alumínio, ferro e manganês na zona dos fogos de 15 de outubro

João Pedro Campos
sociedade@jn.pt

MONDEGO Um estudo de uma equipa de investigadores do Centro de Estudos Sociais do Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra conclui que os incêndios florestais de 2017 tiveram impacto na qualidade da água da bacia hidrográfica do rio Mondego. Os resultados apurados permitiram concluir, também, que as alterações na qualidade não têm impacto na saúde pública.

O grupo de trabalho monitorizou, entre novembro de 2017 e junho de 2018, 10 pontos de amostragem em sete linhas de água, nos concelhos de Arganil, Carregal do Sal, Coimbra, Góis, Lousã, Oliveira do Hospital, Penacova e Tábua. Os resultados mostraram um aumento considerável de alumínio, ferro e manganês, decorrentes dos precipi-

dos posteriores de precipitação, em que alguns sedimentos caíram às águas.

“Os vários resíduos resultantes da combustão, nomeadamente cinzas, associados aos constituintes resultantes da erosão e mobilização dos solos, vão ser transportados para as linhas de água, o que origina o aumento da concentração destes elementos químicos – alumínio, ferro e manganês”, descreve o coordenador da equipa que fez o estudo, Alexandre Tavares.

ATENÇÃO AOS VALORES

O coordenador assegura que “não há um risco para a saúde pública, mas as populações têm de estar atentas a estes indicadores”. Ressalva ainda que não há uma maior incidência das substâncias encontradas num concelho relativamente a outro. “Não foi essa a nossa preocupação, avaliámos a qualidade das águas a montante e a jusante”, descreve.

As águas foram monitorizadas durante oito meses, com Alexandre Tavares a afirmar ter havido resultados mais próximos da normalidade nos últimos meses. No entanto, aponta que esses valores ainda podem variar. “Basta que haja um período de maior precipitação para haver uma maior afetação das águas”, aponta.

A investigação está incluída no projeto europeu RiskAquaSoil: Plano Atlântico de Gestão de Riscos no Solo e na Água. Este projeto, iniciado em 2016, tem como objetivo a deteção dos impactos das alterações climáticas nas zonas rurais, avaliando a gestão do risco, o uso dos recursos hídricos e do solo, a reabilitação de áreas agrícolas e o desenvolvimento de novas práticas.

Os primeiros resultados globais do RiskAquaSoil serão apresentados a 16 de outubro, numa conferência a ter lugar em Guimarães.